

T R E C H O D E T R Á S - O S - M O N T E S

A TERRA E A GENTE

(O U T O N O D E 1 9 1 6)

... Para lá se chegar o caminho é longo.

Desde que deixamos as margens do Douro, é um comboiosito arquejante que nos leva, serpenteando pelas encostas, parando a cada momento, mais vagaroso que a mala-posta, enchendo os vales de silvos estridentes e aflictivos.

A região que primeiro atravessamos é selvagem e grandiosa.

Os montes aparecem riscados pelos socacos antigos, penosamente feitos para a vinha que morreu e não se replantou; e entre êsses vestígios de riqueza extinta surgem ruínas de solares e casais abastados que o filoxera queimou como um incêndio.

O Corgo, sombrio e estreito, corre sinistramente no fundo dos vales, cortado aqui e além pelos açudes de negras e carcomidas azenhas de rodas espumantes.

Não se avista viv'alma. A terra parece morta.

Chegamos a uma pequena cidade tôda branca, assentada sobre um planalto cujas escarpas descem, quási a prumo, até ao leito da torrente.

Alvejam fachadas de casas antigas. Torvelinhos de poeira correm ao longo de uma pequena avenida. O hospital, o quartel, torres de igrejas, um jardinsito público. Na estação o movimento febril causado pela chegada do combóio, que só passa uma vez por dia.

De novo partimos; e aquêlo núcleo de vida no deserto das montanhas taciturnas, desaparece como por encanto.

Avançamos sempre...

Mas tudo mudou; transpuseram-se os umbrais que separam do resto do mundo a desconhecida região onde finalmente entramos.

Os vales alargam-se. Estendem-se planícies que os montes, recuando, encerram.

Há mais luz.

A vinha vive.

Muros de pedra solta coroados por silvados

hirsutos dividem e sub-dividem a propriedade, desenhando um xadrez miudo e desigual.

Folhas de milho já esfolhado, restolhos de centeio, lameiras de linho, poisios cobertos por erva tenra.

Árvores carregadas de frutos maduros: macieiras, ameixoeiras, pereiras, pecegueiros, figueiras...

Trepando pelas encostas, florestas de castanheiros seculares cheios de ouriços que mancham de verde macio o verde escuro e lustroso da folhagem.

Uma ribeira larga, tranqüila e clara, serpenteia entre pedregulhos e juncos, enriquecida pela contribuição de regatos que descem dos montes escorrendo pelas azinhagas, atravessando caminhos e culturas, como Deus quiere.

Uma fila de lavadeiras bate roupa nas pedras, a cantar cantigas plangentes e graves, à sombra de carvalhos de folhas recortadas.

Os povoados surgem aqui, além, pelo meio do vale, ao sopé dos montes, nas vertentes; aglomerações de casas baixas de pedra escura, sem reboco, sem chaminés, aconchegadas umas contra as outras. Com frequência um arco de pedra, largo, atarracado, atravessa a rua, sustentando um corredor, um quarto; ou então descoberto, servindo de ponte e de terraço, guarnecido com vasos e latas velhas, vermelhas de ferrugem, onde florescem gerânios, craveiros e fuchsias.

A capela, pobre, velha e pequena, é construída talvez segundo a orientação ritual; muitas vezes a porta abre sobre uma ribanceira ou um muro, deixando aos fieis apenas uma entrada estreita e difícil, e voltando as costas para o largo ou rua principal.

O sino pendura-se no arco de pedra que encima a modesta fachada, e a corrente de ferro vem cair a meio da porta; outras vezes ao lado da capela dois pilares baixos cravados na terra terminam em arco e sustentam o sino.

E tôdas as povoações teem a sua *casa do fidalgo*: uma construção maior que as outras, com andar nobre, sacadas, e cêrca rodeada por seu muro de vedação.

Não raro sucede ser a *casa do fidalgo* uma ruína apenas: desabitada, destelhada, sem traves nem soalhos, sem guarnições de portas e janelas, mas ainda respeitada, mostrada com orgulho à gente que vem de fora. Outras aguentam-se ainda, ostentando o luxo muito admirado de uma chaminé, varandins com toscos balaústres, e bração de armas sôbre a portada. Tôdas teem a sua história ou a sua lenda, de que o povo fala com veneração.

Bem taciturnas pareceriam estas povoações se não fôsse a vinha que as abraça e as enfeita, enroscando-se nos pilares, dependurando-se dos arcos, lançando robustos festões de casa para casa, alastrando a folhagem sôbre os telhados ennegrecidos, irrompendo por tôda a parte, vestindo a pobreza e a imundície com a radiosa alegria dos pâmpanos, verdes na primavera, rubros no outono, lançando o grito pagão da abundância loira e purpúrea dos cachos sôbre a miséria descuidada da pobre gente.

Em algumas povoações vejo tôdas as mulheres de luto. Que foi? Uma epidemia?

Não. Alguns maridos, filhos, parentes, partiram para a guerra; e a população feminina fêz as lamentações usadas em casos de morte, rezou pela alma dos que abalavam, e vestiu-se de negro.

E um velho contou-me o seguinte:

«No meu tempo não havia esta novidade das sortes e das inspecções. De vez em quando, vinham os oficiais do rei, a cavalo, pilhar os rapazes para a vida militar. A gente via-os de longe e fugia, escondia-se nos soutos até êles passarem. Alguns não se escondiam a tempo; largavam a correr e os oficiais a tôda a brida atrás dêles, nem que fôssem lebres. Mas aquele que chegasse à casa do fidalgo e botasse mão à aldrava, estava salvo. O fidalgo abria-lhe a porta, e os oficiais do rei não tinham poder de o levar. Eu salvei-me assim. Foi o fidalgo. Depois abalei para o Brasil, trouxe de lá alguma coisita, casei com uma viuva cá da terra que tinha de seu. Nosso Senhor deu cinco filhos à gente; vingaram três; fiz uma casa para cada um e todos vivem bem. Se os oficiais do rei me tivessem pilhado... Mas agora quem quiser escapar à vida militar tem de fugir para Espanha; e a vida lá é negra. Tudo mudou.»

Nos cérebros obscuros, a guerra europeia confundeu-se com o serviço militar nos quartéis. O

horror é o mesmo. Pôrto, Lisbôa, França, Inglaterra, África... são terras igualmente desconhecidas e perigosas para os pobres homens que poderes incompreensíveis e fatais arrancam das suas terras e lares.

A ideia de pátria não existe; existe o amor pela terra onde se criam e que os seus olhos vêem.

Pregunto, apontando algumas povoações do vale:

«Que lugares são aqueles?»

«Ali é Castanheiro; além, Frias; mais para lá, Rebordão.»

«E aqueles outros, lá ao longe, nos montes?»

Encolhem os ombros com indiferença:

«A gente não sabe; são doutra freguesia.»

São doutra freguesia; são estranhos, são quasi inimigos.

Se numa feira se armam rixas, juntam-se os homens da freguesia e pelejam contra *os de fora*, com tanto ardor como se fôssem de outra nação e com ela andassem em guerra.

Obstinados e valentes, o heroísmo nasce-lhes facilmente na alma ingênua; porém, só compreendem a necessidade de defender a sua freguesia. Além dos montes começa outro mundo, impreciso, desconhecido, indiferente ou hostil.

Uma vez, indo pelo campo, vi num restolho de centeio um velho, uma criança e uma junta de bois vermelhos, lavrando a terra muito leve com um arado antigo. O velho soltava gritos guturais, o pequeno respondia com a vozita aguda; e, assim animados, os bois avançavam devagar sob a canga presa nas armações largas, amarrada às molhelhas de cabedal, bem estofadas, altas e redondas.

Conversámos a respeito das terras e das culturas; e, ganhando confiança, o velho queixou-se da carestia do gado; comprara aqueles bois pelo dôbro do que valiam *antes dos barulhos*.

«Que barulhos?» perguntei.

«Os barulhos que andam por êsse mundo desde que puseram fora o rei.»

Outros disseram-me o mesmo. A palavra *barulhos* englobava tudo: regicídio, revolução, implantação da república, guerra europeia, alterações da ordem motivadas pela carestia da vida...

Falavam dêsses *barulhos* baixando a voz, como de malefícios do demônio ou castigos de Deus arremçados contra os homens que desprezavam a religião e os costumes antigos; e lançavam um olhar tímido aos montes, além dos quais se passavam essas coisas misteriosas e terríveis.

Nesse grande mundo desconhecido e cheio de perigos, há só um lugar tentador, paraíso que os atrai: o Brasil, terra encantada de onde alguns

voltam ricos. Para lá teem coragem de partir, apesar do pavoroso oceano, apesar das ciladas do demónio, apesar da miséria e da morte que frequentemente os esperam. É que partem livres; arriscam-se por sua vontade; não há servidão.

«Um homem, lá, pode morrer das febres ou da miséria, mas não anda com as correias às costas», explicavam-me êles.

As correias às costas significa a vida dos quarteis, os exercícios, a disciplina, coisas absurdas e dolorosas que lhes fazem perder anos do único trabalho que, para êles, conta: o da terra sagrada que lhes dá o pão.

Deus governa aquelas almas simples, com aparato mas sem austeridade. Multiplica-se, encarna-se nas imagens.

O Cristo, o Espírito Santo, a Virgem, os anjos, os santos e santas da côrte do céu, espalham pelos altares as suas imagens repetidas; e cada qual, no seu povoado, é um pequeno deus. Uma Nossa Senhora protege as mulheres na hora do parto, outra cura o uzagre e as crostas das crianças; um santo ocupa-se das pernas e braços quebrados; outro, das demandas; outro, do gado; um quarto, da lavoura.

«Foi o Santo Cristo da nossa capela que curou o *freimão* do meu homem.»

«Se te tivesses apegado ao de Frias, curava-lo mais depressa!»

«Qual cá Santo Cristo de Frias! Não sou da terra dêle!»

Deus castiga; mas, cumprindo-se os preceitos da Igreja, pagando-se pontualmente as promessas, *convidando-se* o senhor reitor pelas festas, evita-se a cólera divina. Deus não desce ao fundo das consciências; é interesseiro e vaidoso, um pouco frívolo: contenta-se com o culto exterior e gosta de presentes.

O catolicismo rude da fundação da monarquia mistura-se confusamente com reminiscências pagãs, com tradições árabes vindas do sul; e dêste conjunto surgem uma extranha e desconcertante moral, crenças e hábitos cujas raízes se perdem no afastamento dos séculos, variadas superstições, e o fatalismo dôce que gera a indiferença profunda pelo futuro, *que pertence a Deus*.

Passando uma vez a cavalo por um caminho estreito entre altos taludes, vi gente que varejava ameixoeiras pelas bordas da azinhaga. Os frutos rosados, doirados pelo sol, com a pele a estalar de madura e a pôlpa a desfazer-se em sumo, caíam, choviam sobre nós, esmagavam-se no chão sob as ferraduras das bestas.

«Apanhem e comam à vontade», gritou-nos alegremente o proprietário da fazenda. «Chega para todos!»

E a família inteira ria, debruçada para nós do alto do talude, vendo com prazer os burriqueiros que atafulhavam a bôca e enchiam os bolsos. Marido e mulher, esfarrapados e sujos, as crianças quási nuas emboldriadas no sumo da fruta, todos galhofavam, contentes com aquela fartura.

Vendiam depois as ameixas no mercado da vila; com o seu produto comprariam coisas necessárias. Mas eram tantas! Chegavam para todos que passassem.

O céu todo azul abobadava-se por cima dos montes; o sol brilhava, os estômagos estavam fartos, fazia calor. Como poderia aquela bôa gente lembrar-se do inverno e do frio? Como havia de calcular os cestos de ameixas que assim perdia? Deus é pai de misericórdia!

Pela encosta alastra a sombra cada vez mais escassa dos castanheiros seculares, cujos produtos constituem a maior riqueza da região. Não se vê uma árvore mais pequena, uma plantação nova. Quem se lembra de plantar castanheiros? Os homens que agora colhem os frutos dos que existem, estarão debaixo da terra, assim como os filhos e os netos, quando aquelas árvores morrerem. Plantar outros castanheiros, para quê? Se a vontade de Deus fôr acabar com êles, tanto derubará os velhos como os novos.

O povo é pacífico e bom, trabalhador, caridoso. Mas às vezes mata-se um homem por vingança, por ciumes, por obediência ou dedicação a um superior. A opinião pública raras vezes condena.

«O fado que a gente traz ao nascer tem de ser corrido até ao fim.»

Fazem justiça por suas mãos, simplesmente, sem escrúpulos nem remorsos. Os tribunais não só inspiram desconfiança, mas pavor. A justiça dos tribunais é uma desgraça como o serviço militar, uma fatalidade à qual se escapa ou não, conforme a sorte de cada um.

Quem tem bons padrinhos, escapa. Os padrinhos são *os padres e os fidalgos que andam nas políticas* e a quem se paga tudo, no tempo das eleições, com os votos.

A pobre gente não entende para que servem os votos nem o uso que dêles fazem os fidalgos e os padres; mas sabe que os votos representam uma moeda com que se compra a protecção dos grandes, como se compra, com promessas, a protecção do céu.

O sobrenatural no mundo é tão grande que se confunde com a realidade.

As aparições e malefícios do demónio, as almas penadas, os castigos do céu, os milagres, pululam, povôam os vales, as aldeias, as capelas, os cemitérios, as sombras dos soutos, os alcantis da serra. A realeza, ao extinguir-se, desfaz-se em lendas; o prestígio dos padres e dos fidalgos envolve-se em superstições. É gente diferente, de essência superior, que obedece a outras leis; o povo não pode julgá-los: é pecado.

Alguns dêsses *fidalgos*, caídos em profunda decadência, vivem sórdidamente. Quási todos são polígamos sem rebuços; muitos quási analfabetos, ébrios, jogadores, desleixados. Não importa. O povo admira-os, respeita-os, orgulha-se de os ter ali, na terra, dentro dos solares arruinados.

De um dêles, dizem-me com presunção: «Tem muitas quintas, muitas casas. Se quisesse, era capaz de sustentar a freguesia inteira. Amigas e filhos, então, não teem conta. Chega para tudo!»

Vive num solar escalavrado, a desmoronar-se aos pedaços. A entrada é atapetada de estrume; a sujidade e desmazelo, inexcedíveis. Deixa perder metade das colheitas por incúria. Se algum criado mais zeloso lhe lembra a necessidade de proceder a qualquer serviço, zanga-se:

«Mete-te com a tua vida!»

Acrescenta, cheio de si:

«Eu cá estou.»

E vai tudo por água abaixo.

Mas o povo, que às vezes passa fome, longe de criticar tais desperdícios, admira.

Diz com desvanecimento:

«Então... um fidalgo é um fidalgo!»